

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXVII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1988

MORON

Conimbriga, XXVII (1988) 189-201

RESUMO: Devido a escavações arqueológicas no «Alto do Castelo», em Alpiarça, sítio esse designado na bibliografia ou como «oppidum» ou como «fortificação do Bronze Final», ganhou actualidade a questão da localização de «Moron», cidade mencionada exclusivamente por Estrabão. Os autores, com base na sua nova tradução e explicação do antigo texto, consideram superadas as contradições até agora existentes nas diversas interpretações, chegando à conclusão de que com maior probabilidade Moron se situava ou no actual Santarém ou em Ghões de Alpompe, mas não em Alpiarça.

ZUSAMMENFASSUNG: Durch archäologische Ausgrabungen dem «Alto do Castelo» in Alpiarça, einer in der Literatur als «oppidum» bzw. als «spätbronzezeitlich» bezeichneten Wallanlage, ist die alte Frage nach der Lokalisierung der bei Strabo (und nur dort) erwähnten Stadt «Moron» wieder aufgeworfen worden. Widersprüche, die bei den verschiedenen Deutungen durch Schulten, Mendes Corrêa, Alarcão u.a. auftreten, sehen die Autoren mit ihrer neuen Übersetzung und Interpretation des antiken Textes geklärt. Am wahrscheinlichsten ist, daß «Moron» beim heutigen Santarém oder «Chões de Alpompe» liegt, nicht jedoch in Alpiarça.

Strabo 3,3,1 (152¹): δύο δ' ἀναχύσεις ἐν τοῖς ὑπερκειμένοις ποιεῖται πεδίοις, ὅταν αἱ πλῆμαι γένωνται, ὥστε πελαγιζεῖν μὲν ἐπὶ ἑκατὸν καὶ πενήκοντα σταδίους καὶ ποιεῖν πλωτὸν τὸ πεδίον, ἐν δὲ τῇ ἐπάνω ἀναχύσει καὶ νησ<ί>ον ἀπολαμβάνει<ν> ὅσον τριάκοντα σταδίων τό μῆκος, πλάσιος δὲ μικρὸν ἀπολείπον τοῦ μήκους, εὐαλδὲς καὶ εὐάμπελον, κεῖται δ' ἡ νῆσος κατὰ Μόρωνα πῶλιν εὖ κειμένην ἐν ὄρει τοῦ ποταμοῦ πλησίον, ἀφεστῶσαν τῆς ἐκ<εῖ> θαλάττης ὅσον πεντακοσίους σταδίους ἔχουσαν, δὲ καὶ χῶραν ἀγαθὴν τὴν πέριξ καὶ τοὺς ἀνάπλους εὐπετεῖς μέχρι μὲν πολλοῦ καὶ μεγάλοις σκάφει, τὸ δὲ λοιπὸν τοῖς ποταμίαις· καὶ ὑπὲρ τὸν Μόρωνα δ' ἔτι μακρότερος ἀνάπλους ἐστίν, ταύτῃ δὲ τῇ πόλει Βροῦτος ὁ Καλλαϊκὸς προσαγορευθεὶς ὀρμητηρίῳ χρώμενος ἐπολέμησε πρὸς τοὺς Λυσιτανοὺς καὶ κατέστρεψε τούτους τοὺς δὲ τοῦ ποταμοῦ <ῦ>παῖθροις ἐπεχείρησε καὶ τὴν Ὀλισί <πῶνα ἐτείχισε>ν, ὡς ἂν ἔχοι τοὺς ἀνάπλους ἐλευθέρους καὶ τὰς ἀνακομιδὰς τῶν ἐπιτηδείων, ὥστε καὶ <ἐκ τοῦ>των τῶν περὶ τὸν Τάγον πόλεων αὐταὶ κράτισται, πολὺιχθὺς δ' ὁ ποταμὸς καὶ ὀστρέων πλήρης.

Na altura das cheias, produz dois esteiros, nos baixios interiores, a ponto de formar como que um mar de 150 estádios, de tornar a planície navegável e de isolar, no esteiro superior, uma ilha, de cerca de 30 estádios de extensão e com uma largura um pouco menor, muito fértil e com belas vinhas. Esta ilha situa-se junto da cidade de Móron, que se ergue num monte próximo do rio, a 500 estádios de distância do mar no máximo, e está rodeada por uma região fértil.

A navegação até aí é fácil mesmo a barcos de grande porte numa boa parte do seu trajecto e, no resto, por embarcações de rio. Para cima de Móron a navegação ainda é mais longa.

Brutos, denominado o Galaico, utilizou esta cidade como a base de operações, quando entrou em guerra contra os Lusitanos e os submeteu. Em seguida amuralhou Lisboa, nas margens do rio, para ter livres a navegação e o acesso de víveres. Estas cidades são também as maiores que se encontram junto do Tejo. O rio tem muito peixe e abunda em marisco.

(Trad. JOSÉ RIBEIRO FERREIRA)

¹) *Strabonis Geographica*, ed. W. Aly (1972).

MORON *

Escavações iniciadas recentemente no Alto do Castelo (2), em Alpiarça, conferem novamente actualidade ao confronto entre esta fonte escrita e os contextos arqueológicos, uma vez que este local é mencionado na bibliografia como urna das possíveis localizações da cidade de Moron, citada na texto.

Os outros locais tomados em consideração são Almourol, mais exactamente, Chã Marcos, perto de Almourol, Santarém e Chões de Alpompe (3) (Fig. 1). Neste trabalho pretendemos dar uma visão

* Este trabalho foi publicado em língua alemã, nos «Madrider Mitteilungen», 23, 1984, 92-102. Para a versão portuguesa da nossa leitura do texto grego contamos com a amável colaboração de José Ribeiro Ferreira, do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra, a quem agradecemos o grande empenho que meteu na discussão sobretudo daqueles pontos onde discordámos de outras traduções já publicadas. O texto alemão foi traduzido para português por Fernanda Cordoeiro Voges, Porto. Acréscimos em relação ao texto alemão, que foi entregue para publicação em Janeiro de 1983, encontram-se nas notas 17 e 28.

(2) Ph. KALB-M. HOCK, *Alto do Castelo, Alpiarça, Distrikt Santarém. Vorbericht über die Grabungen 1981*, «Madrider Mitteilungen», 23, 1982, p. 145-151.

(3) Para Almourol vide: A. SCHULTEN, *Forschungen in Spanien 1928-1933*, «Archäologischer Anzeiger», 1933, 530 s.; *idem em: Fontes Hispaniae Antiquae*, IV, 1937, p. 138; *idem, op. cit.*, VI, 1952, p. 198; A. TOVAR, *Iberische Landeskunde*, II (2) 1976, p. 265.

Para Santarém vide: A. A. Mendes CORRÊA, *Moron*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», 6, 1934, p. 251-257; *idem, Ribatejanos* (Extractos dos números 37 a 42 do «Boletim da Junta Distrital do Distrito de Santarém»), 1934, p. 12.

Para Chões de Alpompe vide: A. GIRÃO-J. M. Bairrão OLEIRO, *Geografia e campos fortificados romanos*, «Boletim do Centro de Estudos Geográficos», 6/7, 1953, p. 73-80; *Subsídios para o estudo do acampamento romano de Antanho* (J. M. Bairrão OLEIRO), 1958, p. 18; J. ALARCÃO, *Portugal Romano*, 1974, p. 35, 36, 76.

Para o Alto do Castelo: *idem, op. cit.*, 36.

global da abordagem feita até agora sobre este assunto, bem como proceder à sua análise crítica, baseando-nos para tanto nos nossos conhecimentos relativos às investigações arqueológicas e às condições geográficas.

Na bibliografia existente em língua alemã foi A. Schulten quem determinou a localização de Moron. Num dos seus relatos de viagens pela Península Ibérica (4) escreve, sem citar bibliografia: «...Partindo de Lisboa, fui visitar Moron. Segundo Estrabão, Moron ficava situada a 500 estádios (92 km) do mar, perto de uma pequena ilha do Tejo com 35 estádios (5,5 km) de comprimento e quase outro tanto de largura. Na realidade, aproximadamente a 90 km do mar encontra-se a pequena ilha de Almourol, que manifestamente corresponde à designação antiga Moron (acrescentando o artigo árabe), em frente da qual, num monte na margem sul, fica Chã Marcos, um lugar adequado para a cidade de Moron. Schulten refere mais tarde (5) a existência de restos arqueológicos no local. Relativamente à notícia de que a cidade serviu a Brutus como base de operações nas suas guerras contra os Lusitanos, emite a seguinte opinião: «A situação de Moron do outro lado da foz do Zêzere faz lembrar muito a de Castra Vetera frente à via do (rio) Lippe e a de Metellinum, à via de Castra Caecilia» (6).

Já em 1905 Leite de Vasconcelos (7) mencionava a possibilidade de uma relação fonética entre Moron e Almourol = Al-morol, identificando a ilha citada por Estrabão com a de Almourol.

Mendes Corrêa (8), que em 1930 conduziu Schulten de automóvel de Coimbra para Viseu para visitarem a Cava de Viriato (9), e a quem Schulten expôs mais tarde por escrito (10) as suas considerações sobre a localização de Moron, é de opinião diferente. Não

(4) A. Schulten, em «Archäologischer Anzeiger», 1933, p. 530.

(5) *Idem*, em *Fontes Hispaniae Antiquae*, IV, 1937, p. 138; VI, 1952, p. 198.

(6) *Idem*, em «Archäologischer Anzeiger», 1933, p. 533.

(7) J. Leite de VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia*, II, 1905, p. 24.

(8) A. A. Mendes CORRÊA, *Moron*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», 6, 1934, p. 251-257.

(9) Schulten, *ob. cit.*, (nota 4), p. 533.

(10) Mendes CORRÊA, *ob. cit.*, p. 252.

concorda que a palavra Almourol derive de Moron, baseando-se para isso na opinião do arabista David Lopes. Mas as suas maiores objecções dizem fundamentalmente respeito à situação geográfica: nem os números referidos no texto antigo relativamente à distância da ilha do mar e à sua extensão se aplicam a Almourol, nem se pode constatar a fertilidade do solo e a existência de vinha referidas por Estrabão; finalmente, também não se pode falar em «estuário» ⁽¹¹⁾ do rio na zona de Almourol, como diz Estrabão. Na sua opinião poder-se-ia antes identificar a ilha citada por Estrabão como um dos «mouchões» ⁽¹²⁾ na planície ribatejana e Moron com a actual cidade de Santarém.

Bairrão Oleiro ⁽¹³⁾ fala da necessidade de comprovar a identificação de Moron com Santarém. Num estudo sobre os acampamentos romanos em Portugal, cita Chões de Alpompé como um dos três exemplos que conhece e dá a entender que, com base em achados arqueológicos, especialmente um caco de cerâmica campaniense, se inclina a identificar Moron com Chões.

Esta opinião é partilhada por Zbyszewski e outros ⁽¹⁴⁾, que, baseando-se em trabalhos de campo com vista à elaboração da carta geológica da região, dá a conhecer a existência de achados à superfície e regista no mapa de 1:25 000 os restos de muros visíveis no terreno. Para ele, Chões é a cidade pré-romana Moron, que Brutus Gallaicus conquistou e onde instalou o seu quartel general.

J. de Alarcão ⁽¹⁵⁾ cita a localização defendida por Schulten, mas ele próprio tende a aceitar o acampamento de Brutus em Chões, principalmente porque lá foi encontrada cerâmica republicana do séc. II a. C. (Decimus Iunius Brutus, assim cita ele Estrabão, fortificou Olisipo e estabeleceu um acampamento em Moron).

⁽¹¹⁾ Mendes Corrêa adopta a tradução de Gabriel Pereira (Évora, 1878), em que ocvá^uaiç está traduzido por estuário.

⁽¹²⁾ «Mouchão» — ilha fluvial resultante de sedimentação ; no Ribatejo é topónimo usual. O carácter insular dos mouchões, entretanto assoreados, torna-se evidente em alturas de cheias.

⁽¹³⁾ GIÃO-Bairrão OLEIRO, *ob. cit.* (vide nota 3).

⁽¹⁴⁾ G. ZBYSZEWSKI-O. da Veiga FERREIRA-M. C. SANTOS, *Acerca do campo fortificado de «Chões» de Alpompé (Santarém)*, «O Arqueólogo Português», 3.ª Ser., 2, 1968, p. 49-60.

⁽¹⁵⁾ J. ALARCÃO, *Portugal Romano*, 1974, p. 35, 36, 76.

Alarcão considera que Moron ainda não foi identificada, uma vez que o acompanhamento não se situaria necessariamente na cidade de Moron, mas possivelmente nas suas proximidades. Neste contexto cita «um vasto oppidum ou acampamento, de aprox. 30 ha., acima de Alpiarça» que poderia ter sido Moron. Refere-se, deste modo, à fortificação do Alto do Castelo, na margem sul do Tejo.

A. Tovar ⁽¹⁶⁾, em 1976, baseia-se em Schulten, afastando-se, no entanto, dele, ao situar Moron na própria ilha: «A jusante... fica a ilha de Almourol, no Tejo, mencionada como *nokiç*, Mópçnv aquando da campanha de Brutus Gallaicus». Tovar menciona também a opinião de Alarcão, sem analisar a sua contradição com a teoria de Schulten. Com isto damos por abrangida a bibliografia mais importante sobre Moron ⁽¹⁷⁾.

Começamos a nossa análise crítica pelo trabalho citado em último lugar, que retoma a teoria da única versão em língua alemã, a qual é simultaneamente a mais antiga e, como veremos, a mais facilmente refutável. Quando Tovar identifica a ilha de Almourol com Moron, entra em clara contradição com o texto de Estrabão, em que ilha e cidade são mencionadas como lugares distintos: a ilha perto da cidade de Moron e esta num alto perto do rio.

Schulten, neste ponto, coincide com o texto antigo: localiza Moron num planalto na proximidade do rio, no qual fica a ilha ⁽¹⁸⁾.

⁽¹⁶⁾ A. TOVAR, *Iberische Landeskunde* II (2), 1976, p. 265...

⁽¹⁷⁾ Poder-se-ia acrescentar A. GARCIA y BELLIDO, *España y los Españoles hace dos mil anos segunda a Geografia de Strábon*, 1945, p. 120-123. Entretanto, chegaram às nossas mãos dois trabalhos mais recentes que, no entanto, para a problemática por nós abordada não trazem alterações: J. M. GARCIA, *Em torno de Scallabis*, em: *Santarém — A Cidade e os Homens*, Junta Distrital de Santarém 1977 p. 67-77 (que nos passara despercebido) e A. Dias DIÓGO, *A propósito de «Moron». Estudo de alguns documentos provenientes dos Chões de Alpompe [Santarém]*, «Clio» — (Revistado Centro de História da Universidade de Lisboa), 4, 1982, p. 147-154 (saída, de facto, em fins de 1985). — Quanto ao parágrafo em que Tovar fala em Moron, tinha-nos escapado um equívoco na localização de Almourol, que não fica, como indica Tovar, «flussabwärts» (a jusante) de Santarém, mas sim «flussaufwärts» (a montante) desta cidade.

⁽¹⁸⁾ *Idem* em *Paulys Realencyclopaedie der Klassischen Altertumswissenschaften*, 16, 1 (1933), p. 312, onde, por erro tipográfico, es lê «Abmour» em vez de «Almourol».

Noutros pontos, pelo contrário, afasta-se nitidamente do texto, para o que o próprio Schulten em parte chama a atenção: «Mas a ilha... só tem hoje 250 m de comprimento e 80 m de largura e nunca deve ter sido muito maior, pelo menos, muito mais larga, porque o Tejo neste ponto só tem 250 m de largura, devendo, portanto, os números citados por Estrabão estar incorrectos» (19).

Todavia, para afastar as contradições detectáveis na sua teoria, Schulten não só teria de considerar errados os dados relativos à superfície da ilha, como também os da distância da ilha e da cidade do mar e a descrição da ilha e da situação da cidade e seus arredores.

Como demonstrou Mendes Corrêa, em 1934, e como facilmente se pode verificar pelo mapa, Almourol e Chã Marcos não ficam a 90 km do mar, mas a 124 km. aprox. São igualmente convincentes as objecções que Mendes Corrêa faz relativamente aos outros pontos citados: Almourol não fica situada num estuário (év ζευacuasi), como refere o texto, mas num vale estreito (Fig. 2 e (Foto 1) e não é fértil e própria para ser cultivada com vinha (εὐαX§èç xal suá[A7rsXov), mas rochosa e coberta de vegetação rasteira. Olhando para o mapa de utilização dos solos (20) também se pode ver que a região de Chã Marcos só tem solos de má qualidade. Schulten refere-se em 1952 (21) a restos arqueológicos em Chã Marcos, sem entrar em pormenores. Limita-se a remeter para o seu relatório de 1933, onde não se faz qualquer referência a achados ou estudos arqueológicos. Nós próprios já visitámos várias vezes o local sem ter podido descobrir quaisquer elementos que nos permitissem deduzir a existência de uma povoação. Também da bibliografia em português e das monografias locais não obtivemos quaisquer indicações nesse sentido. Portanto, do ponto de vista arqueológico, Schulten não tinha razões plausíveis para localizar Moron em Chã Marcos, tendo, para tanto, de declarar falsos os números apresentados por Estrabão.

(19) SCHULTEN, *ob. cit.* (vide nota 4), p. 533.

(20) *Carta de Capacidade de Uso do Solo*, folha 27-D, 1972.

(21) *Fontes Hispaniae Antiquae*, IY, 1937, p. 138, *Fontes Hispaniae Antiquae*, VI, 1952, p. 198.

Partindo do princípio que os números de Estrabão estão correctos, deve-se localizar Moron na região de Santarém e Alpiarça. 500 estádios são 88 km, 92,5 km ou 96,15 km, consoante a medida de estádio que se tome por base; 30 estádios, o comprimento da ilha, correspondem a 5,3 km, 5,5 km ou 5,7 km. Que os 500 estádios foram contados a partir da foz do Tejo nas águas do Atlântico e não a partir do Mar da Palha, depreende-se do próprio texto (τ&v Trseπί τὸν Τάυον τΙΟΧ&cov); quer dizer, para Estrabão, Olisipo fica nas margens do rio e não à beira-mar.

A planície entre Santarém e Alpiarça (Foto 2) é fértil e ainda hoje cultivada com vinha, exactamente como Estrabão descreve e ilha e a região da cidade. Quando há cheias, os antigos braços de rio, ainda hoje bem assinaláveis no terreno, enchem-se e formam ilhas que atingem a superfície da ilha referida por Estrabão (22). Soa quase como uma explicação deste facto quando se lê em Estrabão: οροcv αί TrXvjfJiai ysvooovTat,... vyjaiov dTuoXa(JiBavsiv ou seja, não se diz como traduziram Schulten e outros, que existe uma ilha no rio, mas que, sempre que há cheias, estas formam uma ilha(23). O «Mouchão do Inglês» ainda hoje é um bom exemplo desse fenómeno. Aparece já assinalado no mapa mais antigo do vale do Tejo de 1840/1850 (24), no mapa 1:100 000 de 1866 (25), representado na Fig. 3, e em todos os mapas publicados a partir dessa data. Durante as cheias emerge uma ilha que, consoante o nível destas, apresenta um comprimento um pouco superior a 5 km. Embora não possamos provar que ela existiu da mesma forma no tempo dos Romanos, a verdade é que podemos supor que também nessa época se formavam ilhas semelhantes durante as cheias, as quais ocorriam anualmente, antes de as barragens modernas terem quebrado esta regularidade.

(22) Durante as escavações por nós efectuadas no Cabeço da Bruxa 1979 («Madrider Mitteilungen», 21, 1980, p. 91 s.) tivemos oportunidade de presenciar as cheias. A campina entre Santarém e Alpiarça era um autêntico lago, donde emergiam algumas ilhas.

(23) αί τXfj[jiai não significa necessariamente «maré», como aparece er todas as traduções que conhecemos, mas também pode significar «cheia».

(24) *Planta do Rio Tejo*, de J. M. Júlio Guerra, Folha 6, 1:20000.

(25) Folha 20, publicada em 1866, da Carta 1:100.000 (Carta de Filipe Folque).

Não restam dúvidas, portanto, que Mendes Corrêa faz uma melhor interpretação do texto de Estrabão do que Schulten. Os seus argumentos são concludentes: o que Estrabão diz sobre a localização de Moron aplica-se a Santarém. A única objecção que se pode fazer é que geralmente Santarém é identificada com a antiga Scallabis, o que parece não ser inteiramente seguro ⁽²⁶⁾. Para provar a sua teoria, Mendes Corrêa não refere quaisquer fontes arqueológicas. Entretanto, escavações feitas na Alcáçova de Santarém puseram a descoberto material pré-histórico e romano ^(27''28).

Bairrão Oleiro, que localiza Moron em Chões, não se baseia directamente no texto de Estrabão. Aceita a teoria de Mendes Corrêa e parte do princípio, com razão, que ela tanto é válida para Santarém como para Chões. Contudo, entra em contradição ao identificar Moron com um local que ele próprio, baseando-se em trabalhos arqueológicos, classifica de acampamento romano. A este respeito chega a formular a opinião de que a configuração de Chões poderia primitivamente ter tido a forma rectangular como o acampamento de Antanhol⁽²⁹⁾, tendo possivelmente adquirido a forma actual devido à erosão (desde tempos romanos). Ora isso não está correcto: basta consultar o mapa da autoria de Zbyszewski e outros para verificar que os restos de muralha assinalados têm tudo menos a forma rectangular (Fig. 4).

No local pudemos certificar-nos pessoalmente que este mapa de uma maneira geral, está correcto, embora os restos das muralhas tenham sido fortemente danificados pela plantação de eucaliptos. E quando Zbyszewski e seus colaboradores concordam com a classificação de acampamento romano dado por Girão e Bairrão Oleiro, isso já não é uma conclusão lógica daquilo que eles próprios

⁽²⁶⁾ ALARCÃO, *ob. cit.*, p. 76.

⁽²⁷⁾ Notícia do jornal «O Dia» de 2-11-1979.

⁽²⁸⁾ Entretanto foram publicados: A. M. Dias **DIAGO**, *O material romano da 1.ª campanha de escavações na Alcáçova de Santarém*, «Conimbriga», 23 1984, p. 111-141. A. M. **ARRUDA** e H. **CATARINO**, *Cerâmica da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém*, «Clio» (Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa), 4, 1982 (saída efectiva: 1985).

⁽²⁹⁾ *Subsídios para o estudo do acampamento romano de Antanhol* (**J. M. Bairrão OLEIRO**, 1958, p. 18).

observaram. Aliás, são eles os primeiros a chamar a atenção para o facto de Antanol, o melhor ponto de comparação, apresentar uma forma muito mais regular. Datando uma parte dos achados, entre os quais o caco de cerâmica campaniense já citado, do séc. IV a. G. ⁽³⁰⁾, interpretam Estrabão no sentido da existência de uma cidade *pré-romana* com o nome de Moron, a qual foi comprovadamente conquistada por Brutus Gallaicus, que lá estabeleceu o seu quartel general. Todavia, Estrabão não diz nada quanto à cidade de Moron, nem que foi conquistada por Brutus, o que, aliás, até será bem provável ⁽³¹⁾.

Também Alarcão se afasta do texto antigo num ponto fundamental: escreve ele que em Estrabão se pode ler que Brutus fortificou Olisipo e assentou um acampamento em Moron. E tece algumas considerações no sentido de este acampamento não se ter situado forçosamente na cidade de Moron, podendo-se identificar Ghões com o acampamento de Brutus e Moron com o Alto do Castelo, situado nas proximidades. Todavia, em Estrabão nada se diz de um acampamento que tenha sido estabelecido por Brutus. O que o texto diz é que Brutus, utilizando a cidade de Moron como base das operações (ὄππ/γ/ΤΤ/πίο) ^πκόπιοεοç), comandou a guerra contra os Lusitanos. Pensar que Brutus possa ter estabelecido um acampamento em Moron é lícito, mas há uma diferença, se a informação é dada expressamente pela fonte escrita, como considera Alarcão, ou se são considerações de carácter geral que nos levam a concluir que tenha podido existir um tal acampamento.

No nosso primeiro relatório acerca das primeiras campanhas de escavações no Alto do Castelo ⁽³²⁾ baseámo-nos precipitadamente e sem espírito crítico na interpretação de Estrabão publicada por Alarcão, tendo acrescentado uma outra variante para a localização

⁽³⁰⁾ Não é claro como os autores chegaram a esta data. Para datar a cerâmica campaniense em Portugal, vide M. DELGADO, *Cerâmica campaniense em Portugal*, em «Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia», Coimbra 1970, 1971, p. 403-420.

⁽³¹⁾ Pelo contrário, o que se diz é que ele atacou as regiões não fortificadas (ί>7raí0şoiç).

⁽³²⁾ KALB-HÖCK, *op. cit.* (vide nota 2).

de Moron e do acampamento de Brutus: aventámos a hipótese de identificar Moron com o núcleo pré-histórico do Alto do Castelo, tendo sido Brutus quem possivelmente acrescentou as muralhas exteriores. Só pudemos chegar a esta conclusão porque não tínhamos lido o texto original e porque não tínhamos tomado conhecimento da confusão que existia na bibliografia resultante de, por um lado, A. Girão e J. M. Bairrão Oleiro terem afirmado, com bases arqueológicas, que Chões era um acampamento romano e, por outro, Bairrão Oleiro ter afirmado, com base na fonte escrita, que o local podia ser identificado com a cidade de Moron. Nós, como os restantes autores, tentámos instintivamente solucionar a contradição Moron = cidade/Moron = acampamento de Brutus, sem ter em devida consideração, o conteúdo do texto antigo. Pela sua configuração e localização, o Alto do Castelo pareceu-nos corresponder melhor a um acampamento romano do que Chões (Fig. 4).

Continuamos a considerar a muralha exterior do Alto do Castelo como um acampamento romano, mas, como vimes, não necessariamente atribuível a Brutus, não se podendo de forma alguma relacioná-lo directamente com uma fonte escrita, como inicialmente nos pareceu.

No que se refere à cidade de Moron, o texto não nos diz em qual das margens se situava. Partindo da indicação que estava situada num monte (êv *opzi*), interessam-nos mais Santarém e Chões do que o Alto do Castelo: Santarém fica a cerca de 95 m acima do nível do Tejo, Chões a 80 m e mesmo o cume que liga o planalto de Chões com a serra a ocidente situa-se 40 m mais abaixo. Ficando Santarém por cima do rio e Chões um pouco mais afastado, trata-se de um argumento a favor de Santarém, mas na Antiguidade não deve ter sido forçosamente assim. Chões situa-se hoje em dia sobre o Alviela, um afluente do Tejo, distante apenas 2 km aprox. do próprio Tejo. O mesmo se aplica ao Alto do Castelo, que fica situado a menos de 3 km do Tejo, directamente sobre a Vala de Alpiarça, igualmente um afluente do mesmo rio. Só que não se pode considerar o Alto do Castelo um monte. Estrabão não nos diz o que entende por *opoç*, mas achamos pouco provável que ele aplicasse esse termo ao Alto do Castelo : o seu ponto mais alto fica a cerca de 20 m acima do vale, mas a parte ocidental

somente a 5 m. O terreno extra-muralhas eleva-se para sudeste e, visto daqui, tem-se a impressão que o Alto do Castelo é uma colina plana, em parte coberta pela muralha. Visto do rio, só dificilmente se divisa, enquanto Santarém e Chões dão imediatamente nas vistas.

O material arqueológico no actual estágio de investigação ainda não fornece elementos imediatamente utilizáveis: no Alto do Castelo foi encontrado material pré-romano e romano, nomeadamente ânforas do séc. n a. C., e restos de cerâmica que nos permitem afirmar que foi habitado até ao séc. i d. C. Não conhecemos o material de Santarém, mas, pelo que nos consta, também é pré-romano e romano. Em Chões nunca se fizeram escavações, mas à superfície são notórios restos de ânforas campanienses do séc. n a. C. ⁽³³⁾. Não parece deslocado recordarmos novamente o texto de Estrabão: Brutus utiliza a cidade de Moron como base de operações. Os restos de ânforas poderiam ser uma indicação arqueológica a este respeito, principalmente se conjugadas com a notícia de que Brutus fortificou Olisipo para assegurar o abastecimento rio acima. Uma vez que não se diz que Brutus fortificou Moron, mas apenas que Moron e Olisipo eram as principais cidades à beira Tejo, pode-se pensar que Moron já era fortificada. As muralhas de Chões correspondem em tamanho e forma a outras que se conhecem de outros povoados indígenas fortificados na época pré-romana. Permanece, no entanto, uma certa insegurança: se Santarém não for Scallabis, existe a mesma probabilidade de Chões poder ter sido Moron. Só posteriores escavações em Santarém e Chões nos poderiam elucidar.

Resumindo: mais uma vez fica demonstrado que é difícil relacionar as fontes escritas antigas com contextos arqueológicos, quando essas fontes não são explícitas. Como este exemplo e também o nosso próprio trabalho de 1982 demonstram, é grande a tentação, e portanto o perigo, de se fazerem afirmações preci-

⁽³³⁾ Informação gentilmente dada por J. Wahl, aquando da sua visita a Chões no Outono de 1982.



FIG. 1 — Situação dos locais que foram tomados em consideração para a localização de Moron e sua distância do oceano. Base cartográfica: Carta Corográfica de Portugal, 1:400.000, aqui reduzida para 1:600.000.

(Página deixada propositadamente em branco)

pitadas. Em qualquer dos casos, é importante recorrer directamente ao texto, sem confiar em traduções superficiais ou interpretações que, arrastadas através da história da investigação, são afastadas dos dados em que se baseiam em princípio e, afinal, são erradas ou pouco certas.

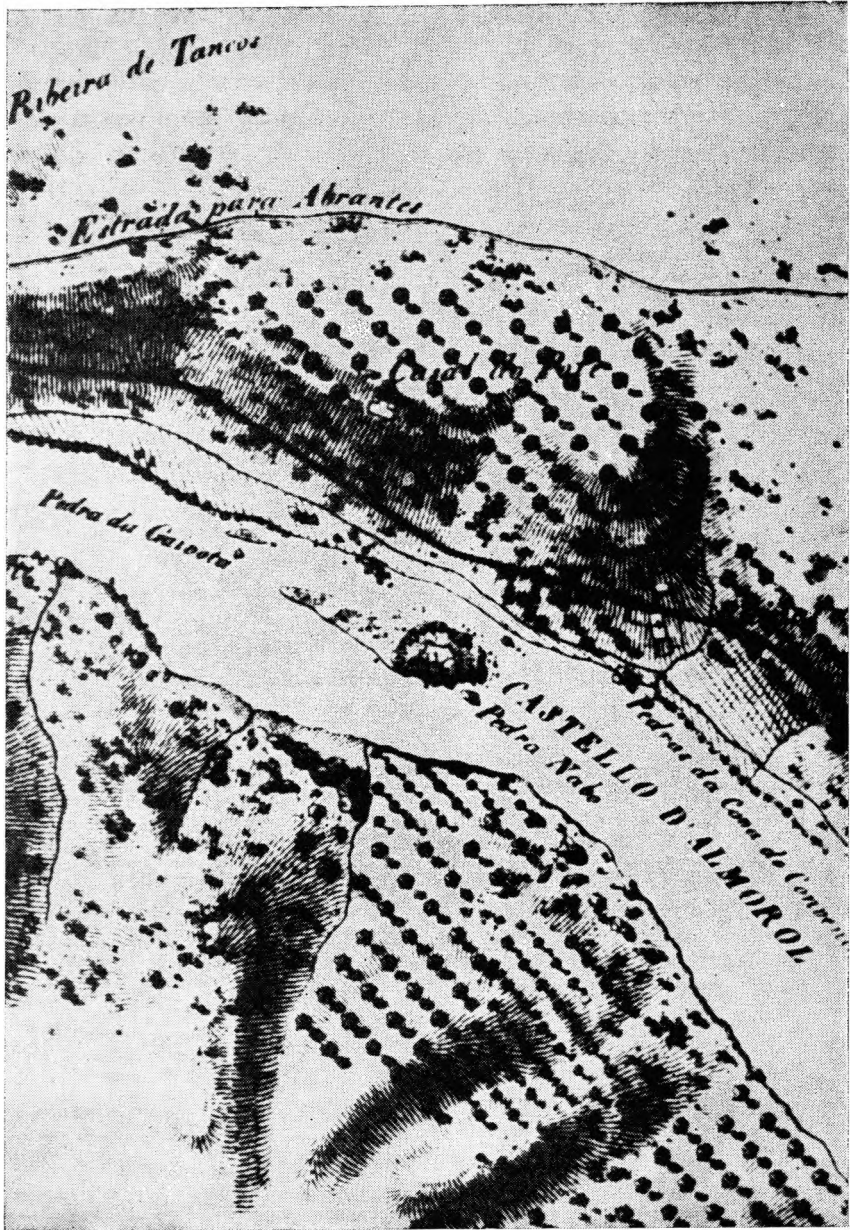


FIG. 2 — Situação da Ilha de Almourol. Reprodução parcial da Planta do Rio Tejo, J. M. Júlio GUERRA, Folha 6, não orientada para Norte, aqui ampliada para 1:10.000.

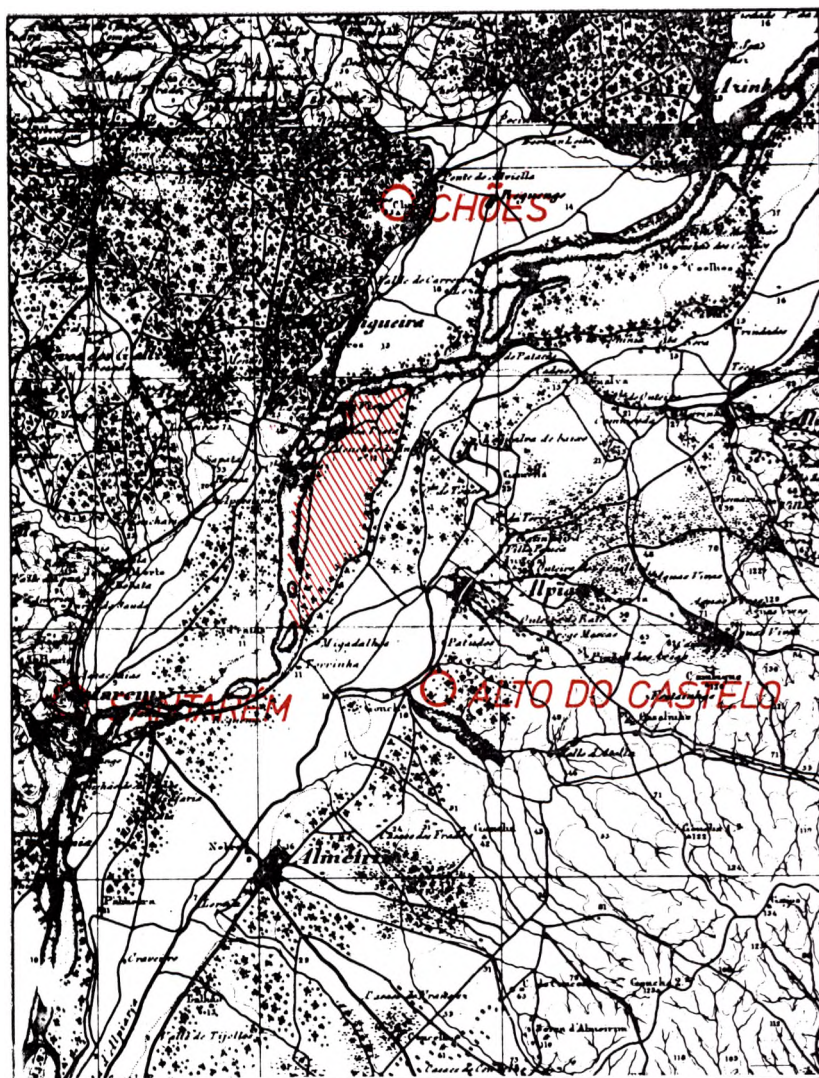


FIG. 3 — Situação de Santarém, Chões de Alompé e Alto do Castelo em relação ao «Mouchão do Inglês». Reprodução parcial da Carta 1:100.000 (Carta de Filipe Folque), Folha 20, 1866, aqui reduzida para 1:125.000.

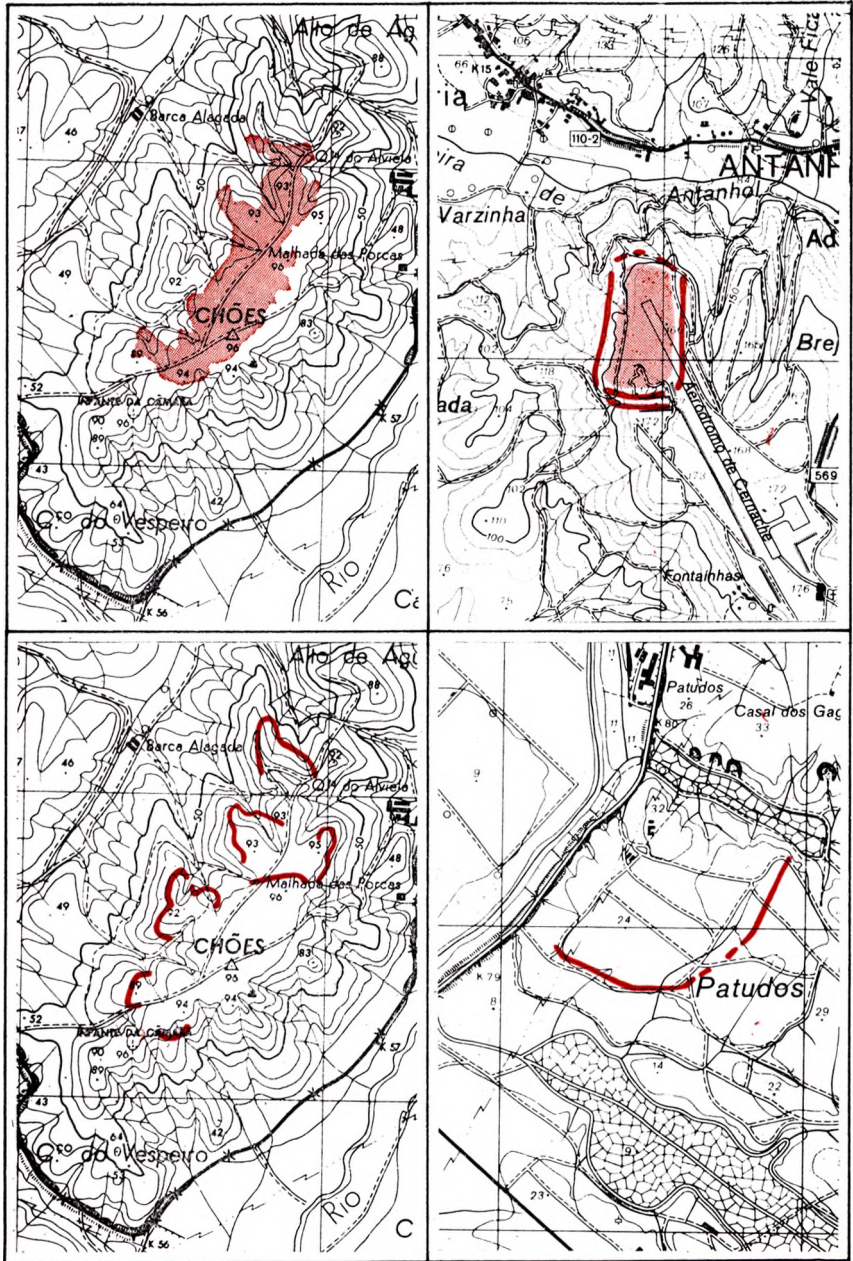


FIG. 4 — Fortificações das diversas estações, marcadas sobre reproduções parciais das folhas 341, 1969; 241, 1947; 353, 1972. a) Chões de Alpompé, seg. Girão e Bairrão Oleiro; b) Chões de Alpompé, seg. Zbyszewski et al.; c) Antanho, sg. *Subsidios...* (v. nota 3); d) Alto do Castelo.

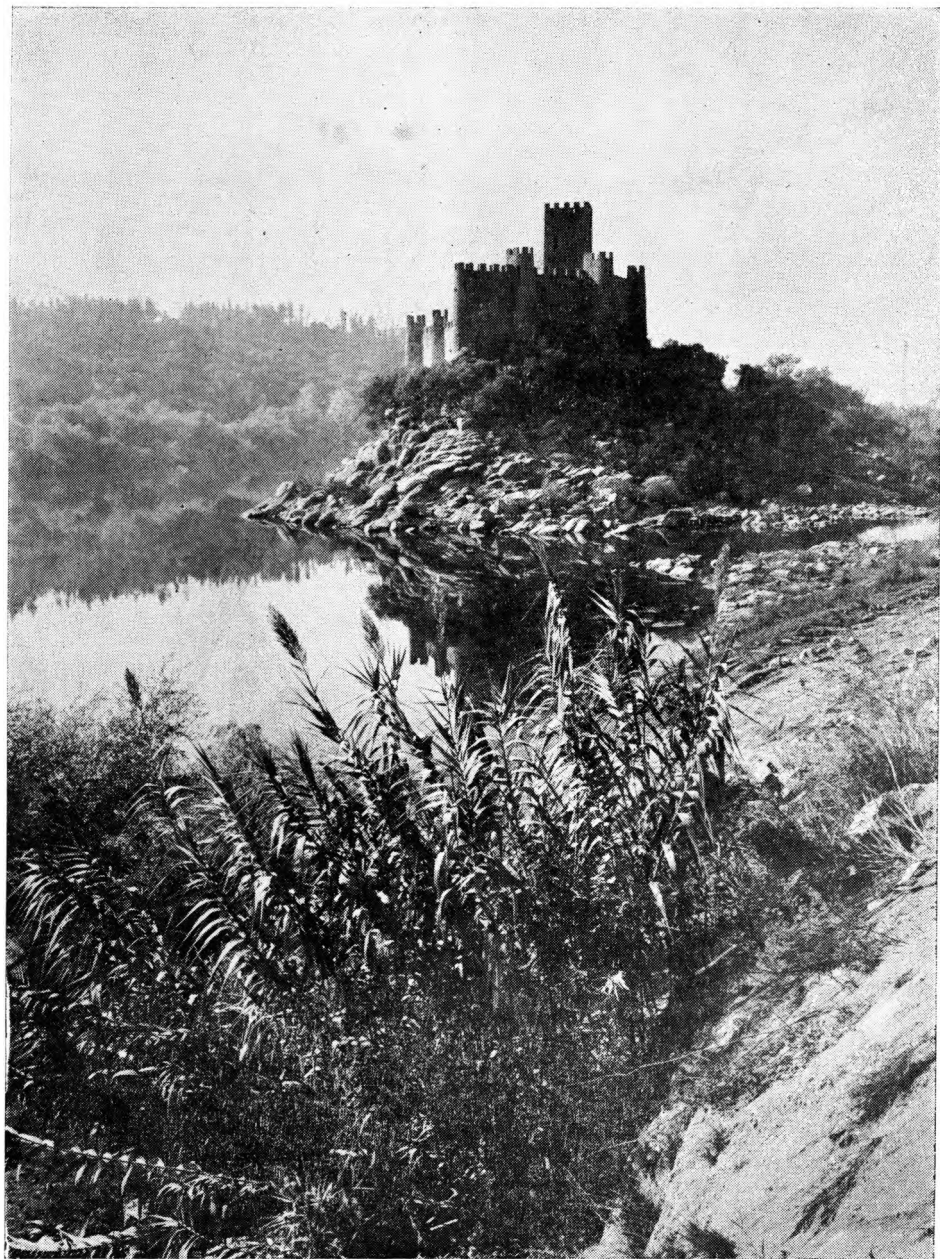


ФОТО 1—Алмурол. Негативо DAI Madrid R 161-82-11. Фото: Peter Witte.

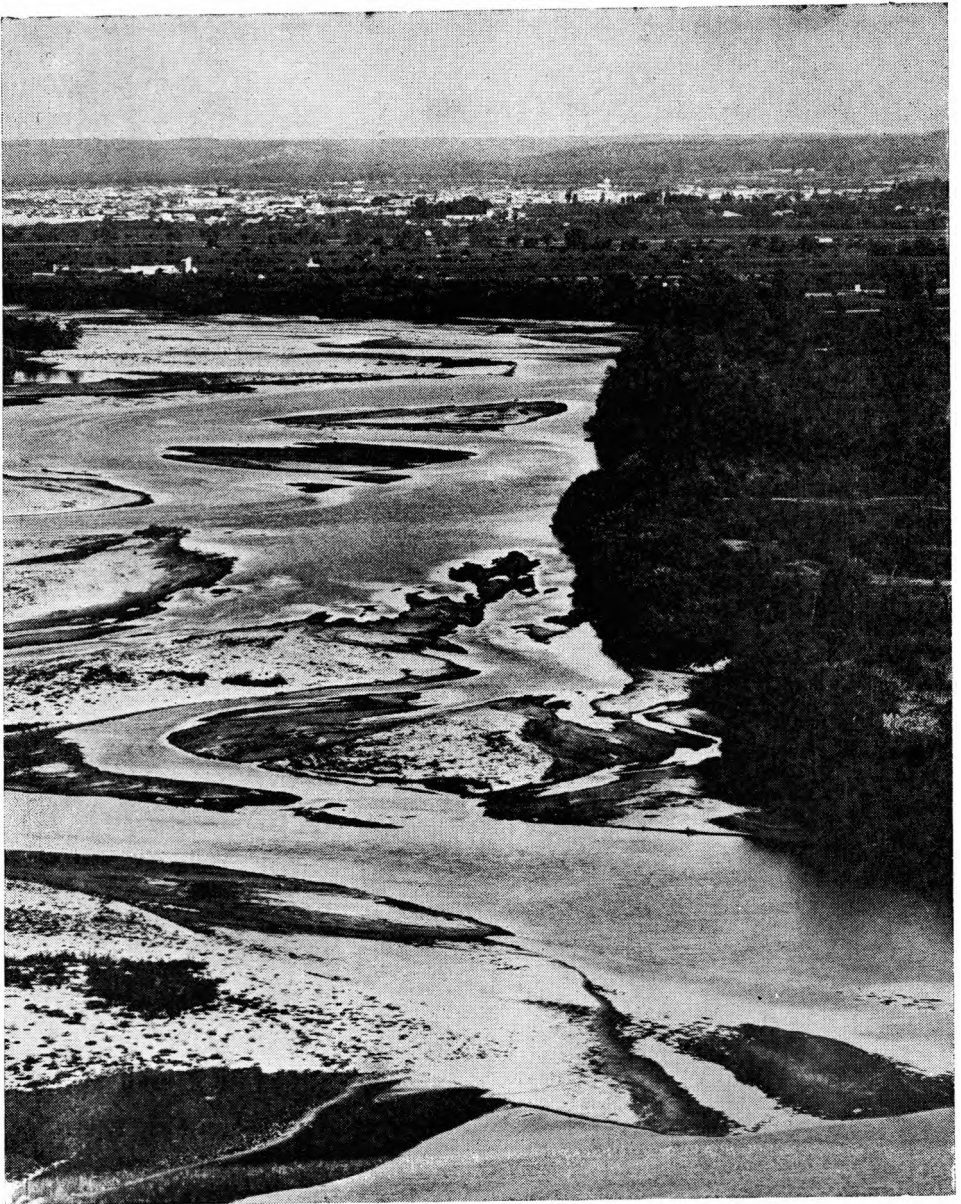


Foto 2 — A planície do Tejo vista de Santarém. Negativo DAI Madrid R 160-82-14. Foto: Peter Witte.